

O 11 de setembro (2001)

No dia 11 de setembro de 2001, o mundo assistiu atónito, pela televisão e em direto, ao maior e mais mortífero atentado terrorista até então perpetrado. Nesse dia, dezanove terroristas da organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros nos Estados Unidos da América.

Fizeram colidir dois desses aviões contra as Torres Gémeas do World Trade Center, em Nova Iorque, que desabaram, atingindo, desta forma, o símbolo do poder económico e financeiro dos Estados Unidos. O terceiro avião colidiu com o Pentágono, a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, na Virgínia, perto de Washington, o símbolo do poder militar americano. O quarto avião caiu em campo aberto, em Shanksville, na Pensilvânia, depois de alguns passageiros e tripulantes terem tentado retomar o controlo do avião, contudo, o seu alvo seria, possivelmente, a Casa Branca ou o Capitólio, o coração da política americana. Morreram quase três mil pessoas.

Se para muitos a queda do muro de Berlim significou o fim do século XX, o 11 de setembro marcou o início do século XXI.

O ataque foi manchete de jornais e encheu os noticiários dos canais de televisão do mundo inteiro. Portugal, não foi exceção. Logo no dia seguinte aos atentados, o jornal *O Setubalense* associa-se à onda de solidariedade com os Estados Unidos da América, manifestando o seu pesar pelas vítimas da tragédia (*O SETUBALENSE*, 2001, 12 de setembro: 1).

Na edição do dia 14 de setembro, o jornal traz dois artigos de opinião sobre o tema do terrorismo. Um assinado por Augustus, com o título «E nada será como dantes», que equaciona qual a resposta que os Estados Unidos e a comunidade internacional deveriam dar ao ataque, inferindo que «o mundo está à beira de se envolver num extermínio», depois de 56 anos de paz (*Ibidem*, 14 de setembro: 3).

De facto, logo no dia 11 de setembro, George W. Bush, presidente dos Estados Unidos da América, apressou-se a declarar a «Guerra ao Terror». Era uma declaração de guerra contra um grupo terrorista transnacional, que ninguém sabia ao certo onde estava, mas que podia atacar em qualquer altura e em qualquer lugar. Francisco Lobo, num artigo de opinião em *O Setubalense*, contesta a eficácia de uma resposta militar, referindo que a resposta deveria ser a eliminação das «razões que promovem a fome, a miséria, a injustiça social, a exploração humana, a desumanização» (*Ibidem*).

Porém, a resposta americana será antes a invasão do Afeganistão e, mais tarde, do Iraque, provocando a destabilização de todo o Médio Oriente.

Noutro artigo de opinião, Mário Moura reflete sobre as consequências do atentado, considerando, e com razão, que ele punha em causa «a inviolabilidade dos Estados Unidos» e «os conceitos de defesa, de guerra, de táticas e técnicas militares» (*Ibidem*).

Sem dúvida que os ataques terroristas do 11 de setembro vieram demonstrar a vulnerabilidade da principal potência mundial, mas foram igualmente vistos e classificados como um ataque aos valores do mundo ocidental. E a ameaça do Islão radical passou a ser confundida com o Islão e os muçulmanos, incentivando a onda de xenofobismo que graça um pouco por todo o mundo ocidental desde então. Já Brissos Lino avisava, no *Setubalense*, que o sentimento de insegurança geral que os ataques tinham provocado podia «descambar facilmente para situações de extremismo e sectarismo» (*Ibidem*, 17 de setembro: 3).

Inserindo-se na quarta vaga de terrorismo – a vaga do terrorismo religioso, tal como definida por Rapoport – são os valores religiosos que movem os militantes de organizações como a Al-Qaeda ou o Estado Islâmico. Estes valores religiosos consideram que é necessário regressar à pureza do Islão, recuperaram a ideia de Jihad, ou guerra santa, apelam a um regresso do Califado e à necessidade de recuperar os territórios perdidos (RAPOPORT, 2004: 46-73).

Uma das principais características deste terrorismo é o facto de ser uma ameaça transnacional, dotada de carácter não militar, que ultrapassa fronteiras e representa um perigo permanente para qualquer Estado em qualquer parte do mundo. De facto, o 11 de setembro trouxe, também, um sentimento de insegurança generalizado. De Bali à Somália, de Madrid a Paris ou Londres, nenhum país parece estar livre da ocorrência de um atentado terrorista. E, em

nome da «Guerra contra o Terrorismo» e do estado de emergência, têm vindo a ser suprimidas liberdades, direitos e garantias individuais, sem que, contudo, isso tenha até agora posto fim ao terrorismo. Até porque, neste mundo global, é extremamente difícil combater grupos autónomos sem hierarquia nem cadeia de comando, que têm facilidade de deslocação e de comunicação e não têm território específico.

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 foram um acontecimento global, visto em direto por milhões de pessoas, com repercussões em todos os aspetos das nossas vidas e com grande destaque na imprensa. *O Setubalense* não ficou alheio a esse acontecimento e, nas páginas do jornal, iriam surgir durante aquele mês vários artigos de opinião sobre o assunto, numa demonstração do impacto que ele teve em todos nós. **[ASM]**

HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SETÚBAL



Notícia do ataque às Torres Gémeas, *O Setubalense*, 12/9/2001, p. 1